



A POÉTICA DA RESISTÊNCIA EM ITAMAR VIEIRA JUNIOR

THE POETICS OF RESISTANCE IN ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Rodrigo Felipe Veloso

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Resumo: O *Coração sem medo*, romance que encerra a “Trilogia da Terra”, de Itamar Vieira Junior, acompanha a trajetória de Rita Preta, operadora de caixa e mãe solo que vê sua rotina ruir após o desaparecimento do filho Cid, adolescente morador da periferia de Salvador. A busca angustiada pelo paradeiro do menino desencadeia uma travessia física e emocional que atravessa memórias de infância, violência histórica e a herança de desterro de sua linhagem. Forçada a revisitar a saída precoce da terra natal, o trabalho doméstico na cidade e o trauma da perda dos irmãos, Rita enfrenta a sensação permanente de deslocamento, revelando as marcas de uma ancestralidade submetida a séculos de racismo, desigualdade e expropriação territorial. Ao articular passado e presente, o romance expõe a continuidade das estruturas coloniais que moldam o cotidiano urbano: desaparecimentos, precarização, violências e ameaças ao corpo negro feminino. Ainda assim, Rita encontra na imaginação, na tradição oral e no vínculo com sua linhagem uma chave possível para sobreviver e reinventar o próprio futuro. A força das narrativas ancestrais, eco das gerações expulsas de sua terra, constitui o eixo vital do livro, que transforma a dor em testemunho e resistência.

Palavras-chave: Itamar Vieira Junior; Literatura Contemporânea; Poética da Resistência.

Abstract: The *Coração sem medo*, the novel that concludes Itamar Vieira Junior's “Trilogia da Terra”, follows the journey of Rita Preta, a cashier and single mother whose life crumbles after the disappearance of her son Cid, a teenager living in the outskirts of Salvador. The anguished search for the boy's whereabouts triggers a physical and emotional journey that traverses childhood memories, historical violence, and the legacy of displacement in her lineage. Forced to revisit her early departure from her homeland, domestic work in the city, and the trauma of losing her siblings, Rita confronts a permanent feeling of displacement, revealing the marks of an ancestry subjected to centuries of racism, inequality, and territorial expropriation. By articulating past and present, the novel exposes the continuity of colonial structures that shape urban daily life: disappearances, precariousness, violence, and threats to the Black female body. Even so, Rita finds in her imagination, oral tradition, and connection to her lineage a possible key to surviving and reinventing her own future. The power of ancestral narratives, echoing the generations expelled from their land, constitutes the vital axis of the book, which transforms pain into testimony and resistance.

Keywords: Itamar Vieira Junior; Contemporary Literature; Poetics of Resistance.

Era sempre assim: imagens que despertavam memórias distantes, boiando e submergindo na corrente das lembranças. [...] A lembrança então chega renovada e repleta de detalhes.

(*Coração sem medo*, Itamar Vieira Junior, 2025a, p. 13).

O vazio parece incontornável, mas se modifica, ganha outras formas, continua a evocar o abandono, embora não possa mais repelir o que vive (*Coração sem medo*, Itamar Vieira Junior, 2025a, p. 315).

Itamar Vieira Junior, consolidado como uma das vozes mais expressivas da literatura brasileira contemporânea, encerra com *Coração sem medo* a trilogia iniciada por *Torto Arado* e continuada em *Salvar o Fogo*. Embora o romance se apresente fortemente ancorado no realismo urbano, ele não rompe com a tessitura estética e temática que sustenta o projeto literário do autor. Pelo contrário, amplia a reflexão sobre a permanência das desigualdades históricas, a herança colonial inscrita nos corpos negros e empobrecidos, a luta pelo território e o direito de existir com dignidade.

Em *Coração sem medo*, essas questões ganham corpo na trajetória de Rita Preta, personagem que concentra em sua experiência individual as múltiplas camadas de violência estrutural transmitidas entre gerações, tornando-se o eixo da crítica social elaborada por Itamar com refinamento narrativo e elevada densidade simbólica. Como afirma o próprio autor, “como podem as pessoas viverem privadas de sua terra, de seu território? Sendo que esse é um direito humano elementar, básico, um direito que atravessa todas as culturas, todas as sociedades, em todos os tempos, em todos os lugares do mundo” (Vieira Junior, 2025b). A terra, nesse contexto, não representa apenas um espaço físico, mas um lugar de lembranças, retorno ao passado, vínculos comunitários e construção da própria identidade. Quando esses sujeitos são afastados de seu *habitat* natural, também são fragilizados os laços que sustentam sua história e sua autonomia.

A narrativa tem início quando a rotina de Rita, operadora de caixa de supermercado e mãe solo de três filhos, é abruptamente interrompida pelo desaparecimento misterioso de Cid (Alcides), seu filho adolescente. A partir

desse acontecimento, o romance organiza-se como uma jornada simultaneamente física, emocional e espiritual. Mais do que a procura por um filho ausente, trata-se da tentativa de recompor a própria identidade diante das fissuras abertas entre passado e presente, entre campo e cidade, entre memória e esquecimento.

O desaparecimento de Cid funciona como catalisador de lembranças que constituem a formação da protagonista: a saída prematura das terras da família, os conflitos com a avó Carmelita, as dificuldades enfrentadas na cidade, o acidente envolvendo os irmãos e o sentimento permanente de desenraizamento que acompanha sua existência:

Quando alguém desaparece, é como se a vida não terminasse. Está faltando alguma coisa. É uma história sem ponto-final. [...] Nossa sina vai ser andar pelo mundo procurando o que não podemos mais encontrar. Meu maior medo é morrer e não ver os monstros serem julgados pelo que fizeram (Vieira Junior, 2025a, p. 247, grifos do autor).

O desaparecimento de Cid funciona como catalisador da memória da protagonista, fazendo emergir experiências de perda, mudança e violência que perpassam sua trajetória. A saída precoce das terras familiares, os conflitos com a avó Carmelita, as dificuldades na cidade e o acidente envolvendo os irmãos revelam um processo contínuo de desenraizamento. Diante disso, a afirmação de que “é uma história sem ponto-final” (Vieira Junior, 2025a, p. 247) mostra que o desaparecimento não representa somente uma ausência individual, mas a permanência de um passado que não encontra reparação. Ao expressar o medo de morrer sem ver “os monstros” serem julgados, a protagonista denuncia a continuidade da injustiça e transforma a memória em forma de resiliência e reivindicação de justiça.

Nesse sentido, Rita Preta é construída como uma personagem marcada pela experiência do deslocamento, pela ruptura com suas origens e pela violência simbólica que acompanha aqueles que são arrancados de seu território. Descendente de Donana Chapéu Grande, figura emblemática da ancestralidade presente na trilogia, ela representa uma geração cuja história

é perpassada por processos contínuos de expulsão, expropriação e invisibilização:

olhando a paisagem, ela não pensa naqueles que carregam as pedras em todos os tempos para construir essa fração de mundo, fascinante e violenta, tornando-a o lugar de pessoas como ela. Também não imagina que seus pés se encontram sobre o chão onde se levantou um antecessor distante de sua linhagem, vindo do oceano, desembarcando sem bagagem, carregando coisas belas e tristes em seu peito, sonhos e desejos, revolta e medo, a herança que ela revive sem saber que lhe pertence (Vieira Junior, 2025a, p. 198).

A travessia de Rita Preta é movida por uma reminiscência ancestral que permanece inscrita no espaço de (con)vivência, ainda que ela própria desconheça, inicialmente, a dimensão histórica dessa herança. Ao caminhar sobre um chão construído pelo trabalho de sujeitos invisibilizados e pelo deslocamento forçado de seus antepassados, a personagem atualiza uma história marcada pela agressividade, pela expropriação e pela resistência. A imagem do ancestral que chega “sem bagagem”, carregando “sonhos e desejos, revolta e medo”, sintetiza a condição de sujeitos negros cuja humanidade foi historicamente desconsiderada, mas cuja reminiscência permanece como legado. Com isso, Rita Preta corporifica uma ancestralidade interrompida pelo deslocamento, porém não apagada, fazendo do território um espaço de reminiscência, conflito e reconhecimento de uma identidade que lhe “pertence”, ainda que tenha sido historicamente negada.

Ao chegar a Salvador, espaço que deveria representar oportunidades e possibilidades de ascensão social, Rita encontra uma realidade marcada pela precariedade e pelo abandono, elementos constitutivos da experiência urbana brasileira para aqueles situados às margens da sociedade:

observa o antigo relógio. Quando será que o tempo parou? Na praça, depois de circundar a escultura do poeta Castro Alves com o braço direito estendido e a palma da mão voltada para o céu, os olhos mirando o infinito de uma cidade - gestos de quem clama por liberdade -, Rita se debruça sobre a mureta do concreto e observa as ruínas do casario antigo aos seus pés” (Vieira Junior, 2025a, p. 197).

Uma das maiores habilidades narrativas de Itamar Vieira Junior reside justamente em reunir o drama íntimo da protagonista a uma crítica social abrangente sem reduzir o romance a uma mera denúncia. A força do texto emerge da alternância entre a representação sensível do cotidiano urbano, o trabalho no supermercado, os ônibus lotados, os alagamentos, a precariedade dos afetos, e a dimensão mítica que atravessa a reminiscência da personagem.

A cena inaugural do romance remonta a essa capacidade de articulação estética. Enquanto aguarda o ônibus sob uma tempestade repentina, Rita observa a água da chuva formar um pequeno riacho junto ao meio-fio, imagem que desencadeia lembranças da infância às margens de um rio. Nesse momento, a narrativa desloca-se do realismo urbano para a reminiscência lírica, revelando a continuidade entre o corpo adulto e o corpo infantil, como se passado e presente corressem paralelamente pelas mesmas águas: “o fluxo se torna então o rio da infância. [...] O rio, caminho sinuoso por onde percorrem seres e saberes, sonhos e mistérios, como contaram certo dia os mais velhos” (Vieira Junior, 2025a, p. 13-14). A imagem do rio, sobretudo, amplia a dimensão espacial e assume uma função simbólica ligada à própria constituição identitária da personagem. Ao afirmar que a água representa um “destino essencial” que “metamorfoseia incessantemente a substância do ser”, Rodrigo Veloso (2025, p. 335) permite compreender o fluxo do rio como metáfora de uma existência marcada por transformações, perdas e permanências.

Em *Coração sem medo*, o retorno ao “rio da infância” recupera um passado que não permanece estático, mas se atualiza continuamente no presente, fazendo da água um elo entre lembrança, retorno ao passado e experiência. Se, para Veloso, o ser voltado à água encontra-se “em vertigem”, porque algo de sua substância se transforma a cada instante, em Vieira Junior o rio também expressa essa condição de travessia: nele percorrem “seres e saberes, sonhos e mistérios” transmitidos pelos mais velhos. Desse modo, a água simboliza simultaneamente a passagem do tempo e a permanência da memória, revelando que, embora a personagem se transforme ao longo da

vida, sua infância e sua ancestralidade continuam a fluir em sua experiência presente.

Ainda nessa seara, a simbologia da água assume papel estruturante no romance. Elemento simultaneamente protetor e ameaçador, ela representa tanto o fluxo da memória quanto o risco da dissolução. A experiência vivida por Rita na infância, quando sente seu corpo ser arrastado pela correnteza, reaparece no presente adulto como metáfora da dor provocada pelo desaparecimento do filho. A memória corporal, sugere o autor, não desaparece; ela permanece inscrita na carne, manifestando-se como cicatriz, herança e possibilidade de orientação.

Dessa maneira, *Coração sem medo* constrói uma profunda articulação entre corpo, memória e pertencimento. A relação de Rita com a terra não se restringe ao plano imagético e simbólico; ela se manifesta concretamente em suas dores, lembranças e afetos, revelando raízes interrompidas que a personagem tenta incessantemente recuperar. Nessa perspectiva, a reflexão de Gaston Bachelard torna-se essencialmente significativa, uma vez que “quando a vida se abriga, se protege, se cobre, se oculta, a imaginação simpatiza com o ser que habita o espaço protegido” (Bachelard, 1989, p. 141). Em contraste, a cidade surge como espaço de ameaça e vulnerabilidade, local em que a violência assume formas institucionalizadas.

O desaparecimento de Cid, então, ultrapassa uma questão individual e passa a representar uma realidade compartilhada por inúmeras famílias brasileiras. A busca empreendida por Rita ecoa a trajetória de centenas de mães que percorrem delegacias, hospitais, vielas e periferias em busca de respostas que frequentemente lhes são negadas pelo Estado.

No entanto, o realismo desenvolvido por Itamar não se limita ao registro sociológico. Há um evidente trabalho estético na construção das cenas, na elaboração da linguagem e na dimensão poética que perpassa toda a narrativa. Elementos da religiosidade afro-indígena, da oralidade e da sensibilidade popular são incorporados ao romance, produzindo uma visão de mundo em que o cotidiano convive com forças ancestrais e em que o invisível se manifesta como potência de resistência ao esquecimento. Essa dimensão,

contudo, nem sempre se integra de maneira igualmente equilibrada à representação do cotidiano: em alguns momentos, a forte carga simbólica da narrativa pode sobrepor-se à construção das situações e personagens, tornando mais tênue a fronteira entre a experiência vivida e sua elaboração mítica. De todo modo, é justamente nessa tensão entre registro social, memória e fabulação que o romance encontra parte significativa de sua força estética, recusando uma representação meramente documental da realidade.

A memória constitui, nesse contexto, um dos eixos principais do texto literário. Conforme observa Bachelard (1994), “a memória não nos entrega nem mesmo diretamente a ordem temporal; ela tem necessidade de se basear em outros princípios de ordenação” (Bachelard, 1994, p. 34). O filósofo acrescenta ainda que “Conhecer-nos é reencontrar-nos nessa poeira de acontecimentos pessoais. É num grupo de decisões experimentadas que repousa nossa pessoa” (Bachelard, 1994, p. 34). Assim sendo, a narrativa sugere que a reconstrução do sujeito depende do reconhecimento dos vestígios do passado, ainda que estes se apresentem sob a forma da dor.

Ao longo do romance, emerge também uma crítica contundente à persistência das estruturas coloniais na contemporaneidade. O Brasil urbano representado por Itamar moderniza-se apenas superficialmente, mantendo intactas desigualdades históricas e formas sistemáticas de agressão direcionadas aos corpos negros e pobres. A trajetória de Rita não constitui uma exceção; ela representa a experiência coletiva de mulheres negras que carregam simultaneamente os encargos da sobrevivência econômica, do cuidado familiar e da resiliência cotidiana.

Ao mesmo tempo, *Coração sem medo* é um romance profundamente comprometido com o poder da imaginação e da narrativa. A literatura surge como espaço de preservação da memória e de enfrentamento do apagamento histórico. Nesse sentido, o romance aproxima-se da reflexão de Márcio Seligmann-Silva sobre o testemunho, segundo a qual “a sua tese central afirma a necessidade de se partir de um determinado ‘presente’ para a elaboração do testemunho. A concepção linear do tempo é substituída por

uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia” (Seligmann-Silva, 2002, p. 150).

A narrativa insiste na ideia de que contar histórias é um gesto político de sobrevivência. Por isso, o romance dialoga diretamente com os volumes anteriores da trilogia, mas assume uma perspectiva singular ao concentrar-se no espaço urbano e na experiência feminina. Se *Torto Arado* privilegia os conflitos fundiários do mundo rural e *Salvar o Fogo* amplia o olhar para as dimensões espirituais da diáspora, *Coração sem medo* dirige sua atenção aos corpos migrantes que, mesmo deslocados para a cidade, permanecem ligados à terra por vínculos invisíveis.

Do ponto de vista formal, destaca-se a fluidez narrativa e a capacidade de alternar temporalidades sem comprometer a unidade do texto. A voz narrativa acompanha de perto a protagonista, permitindo ao leitor compartilhar sua dor, suas memórias e suas estratégias de sobrevivência. Descrição, introspecção e movimento articulam-se de modo consistente, conferindo ao romance um ritmo que se aproxima da experiência concreta da vida. Essa proximidade, entretanto, por vezes intensifica o caráter emocional da narrativa, fazendo com que determinadas passagens assumam um tom mais explicitamente orientado para a comoção do leitor.

Tematicamente, a obra reafirma o compromisso ético do autor com sujeitos historicamente silenciados. Questões como racismo estrutural, violência institucional, precarização do trabalho, conflitos territoriais, religiosidade afro-brasileira e memória coletiva atravessam toda a narrativa. A amplitude desses temas contribui para a densidade do romance, embora também produza, em alguns momentos, uma certa sobrecarga temática, na medida em que diferentes conflitos sociais se concentram em uma mesma trajetória individual. Por isso, o romance não se reduz à denúncia. Há espaço para a esperança, embora esta se apresente de forma frágil e intermitente, construída menos como resolução dos conflitos do que como possibilidade de permanência, reminiscência e resiliência.

Essa esperança manifesta-se especialmente na relação entre maternidade e memória. A maternidade não é idealizada, mas representada

em sua esfera concreta, marcada pelo cansaço, pelo medo, pela vulnerabilidade e pela ausência de proteção estatal. Ainda assim, é justamente ela que impulsiona Rita a continuar sua busca.

[...] o filho não tinha nenhum envolvimento com o tráfico nem andava com ninguém do meio. Esse é o medo difundido entre as mães das comunidades, poucas não se confrontarão com esse fantasma. A maioria passará ao largo, se sentirá vitoriosa em avistar os filhos seguirem caminhos semelhantes aos seus. Outras não terão o mesmo êxito e sentirão derrotadas, responsáveis por não conseguirem afastá-los de um mundo atraente negado desde o nascimento - aventura, possibilidade de ascensão social, dinheiro. Rita se inclui entre as primeiras, mas o encontro marcado abala suas convicções. (Vieira Junior, 2025a, p. 196).

O título *Coração sem medo* sintetiza a tensão fundamental do romance entre fragilidade e resistência. O coração de Rita encontra-se atravessado pela perda, pela culpa e pelas lembranças traumáticas, e continua pulsando e buscando sentido. O “sem medo” não indica ausência de temor; entretanto, a coragem de prosseguir apesar dele.

Ao concluir a trilogia da terra, Itamar Vieira Junior demonstra que sua força literária reside não apenas na criação de personagens memoráveis, mas também na capacidade de revelar, com lirismo e rigor crítico, as camadas mais profundas da história brasileira. *Coração sem medo* dialoga intensamente com o presente, sem perder de vista as marcas do passado e as possibilidades de futuro. Trata-se de um romance que combate o esquecimento, restitui voz aos silenciados e reafirma a literatura como espaço privilegiado de rememoração e força narrativa.

Em linhas gerais, a obra destaca-se pela densidade psicológica de sua protagonista, pela elaboração poética da linguagem, pela contundência da crítica social e pela habilidade de articular diferentes temporalidades e camadas narrativas em uma estrutura coesa. Se, por vezes, a intensidade simbólica e a recorrência de determinados motivos podem conferir ao romance um tom excessivamente programático, esse aspecto não compromete a força de sua construção narrativa nem a capacidade de produzir reflexão. Mais do que encerrar a trilogia da terra, *Coração sem medo*

amplia seu alcance simbólico e consolida a presença de Itamar Vieira Junior no panorama da literatura brasileira contemporânea. Trata-se, portanto, de um romance de grande força estética e política, cuja leitura convoca o leitor a recordar, escutar e sentir. Nessa seara, a própria narrativa parece sintetizar sua aposta na experiência sensível ao afirmar que “viver pode ser maravilhoso’, precisa acreditar”, enquanto o mar, com o movimento das águas, a inunda de sensações e, por um instante, a conduz ao desejo de apenas escutar “esse som vibrando em sintonia com seu coração” (Vieira Junior, 2025a, p. 332).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danese. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. *Pró-Posições*. Vol. 13, n. 03 (39), 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643943/11399>. Acesso em: 03 de nov. 2025.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Salvar o Fogo*. São Paulo: Todavia, 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Coração sem medo*. São Paulo: Todavia, 2025a.

STUQUE, Jéssica. Mais contemporâneo, ‘Coração Sem Medo’ renova provocação sobre direito à terra, diz Itamar Vieira Junior sobre novo livro, *Jornal G1*, 2025b. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2025/08/23/mais-contemporaneo-coracao-sem-medo-renova-provocacao-sobre-direito-a-terra-diz-itamar-vieira-junior-sobre-novo-livro.ghml>. Acesso em: 20 abr. 2026.

VELOSO, Rodrigo Felipe. Celebração dos elementos: poesia e imagem ritualística e alquímica em Henriqueta Lisboa. *FronteiraZ*. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados Em Literatura E Crítica Literária, (33),

330–348, 2025. <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2024i33p330-348>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/65852/46601>. Acesso em: 01 abr. 2026.

VELOSO, Rodrigo Felipe. Entre o real e o ficcional: narrar a vida como romance de formação em *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório. *Porto Das Letras*, 11(2), 1–6, 2026. <https://doi.org/10.20873.res.2501>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/21789>. Acesso em: 10 abr. 2026.

VELOSO, Rodrigo Felipe. Resistência e subversão social e decolonial: a representação do sujeito marginal em Clarice Lispector. *Revista Outra Travessia*, UFSC, v. 1 n. 37 (2024). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/98841>. Acesso em: 14 abr. 2026.

Enviado em: 24 de junho de 2026
Aprovado em: 23 de setembro de 2026

11